

A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA

Redactor-chefe Dr. Antonio Bento de S. e Castro

SAB DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO 60 REIS

ANNO 11

REDAÇÃO
LARGO 7 DE SETEMBRO
Propriedade de uma Associação

S. Paulo, 26 de Janeiro de 1888

ASSIGNATURAS
CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs.
Pagamento adiantado

N. 107

EXPEDIENTE

Aos srs. assignantes

Pedimos aos nossos dignos assignantes que se acham em atrazo com a nossa folha, o favor de remirem o seu debito.

Fazemos este justo pedido para sabermos com quem podemos contar no nosso 2º anno de existencia; podendo contar suas senhorias com este baluarte na imprensa ao seu dispor, para defeza dos opprimidos.

E' nosso agente em Itatiba o sr. Amelio Braga.

Desde 1 de Dezembro que está encarregado da cobrança desta folha nesta capital, o sr. João Rodrigues de Castro.

Os srs. assignantes que nos enviarem a importancia de suas assignaturas poderão deduzir o importe do correio.

Toda a correspondencia relativa á parte economica desta folha deve ser dirigida a DINIZ & SOL, typographia UNLÃO.

FOLHETIM

(101)

STOWE

A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO XXVI

Es o fim de todas as cousas terrestres.
John Q. Adams.

O homem deixa-se de tal modo influir pelo que vê, e pelo que ouve, que a maior parte dos criados julgou que não havia, na verdade, ninguém mais afflicto que a senhora, sobre tudo quando ella manifestou as suas crises de nervos, e fez chamar o medico, declarando que estava ás portas da morte! Eram necessarias tantas idas e vindas da cozinha ao quarto da senhora, para lhe trazer botijas com agua quente, flanelas, etc. que todo esse movimento produziu alguma diversão na tristeza dos pobres escravos.

Thomaz sentia em seu coração alguma coisa que o attrahia a seu senhor, não o perdendo de vista, e observando-o tristemente. Quando o viu assentado, pallido e silencioso, no quarto de Eva, com a sua Bibliasinha aberta diante d'elle, posto que, o seu olhar fixo, bem se conhecesse que a não lia. Thomaz discernia mais dor n'esse olhar fixo e sem lagrimas, que em todos os gritos e lamentações de Maria!

Passados alguns dias, a familia Saint-

A REDEMPÇÃO

S. PAULO, 26 DE JANEIRO DE 1888.

O exm. sr. Gavião e a Redempção

Por acharmos satisfatorio o artigo publicado por esse illustre cavalheiro e interessante o seu modo de gratificar os serviços de seus antigos escravos;

Attendendo que ninguém procurou resolver a questão do elemento servil por uma forma mais especulandrica;

Considerando que seu artigo veio desvendar aquillo que tinha em seu pensamento e que ninguém podia advinhar;

Por estes e outros motivos e mais razões que dos autos se vem condemnamos a Redempção a publicar o artigo do sr. conselheiro Gavião, por pedaços, até o final, pagas as custas pelo Coelho de Souza.

A REDACÇÃO.

DE UMA VEZ POR TODAS

«Ausente da capital desde o dia 29 do mez passado, só agora, regressando, fui informado das invectivas com que, em minha ausencia, honrou-me um periodico, que se intitula—Redempção, e que mais apropriadamente devia chamar-se—Especulação.

«Não venho redarguir aos escrevinhadores de tal periodico; não lhes dá, ou a quaesquer outros do mesmo volume e estatura moral, a confiança de responder cousa alguma; venho explicar ao publico o facto que motivou a terpe verrina.

«Ha trutos mezes, sem a ostentação e estrepito dos que, na phrase da Provincia de S. Paulo, apressão-se hoje em ser abolicionistas, declarei á meus escravos, na presença de muitas pessoas, que estava resolvido a dar-lhes liberdade sem condição alguma; mas que, desejando augmentar-lhes o beneficio, ia primeiro, com a lei na mão, pedir ao governo indemnisação da metade do valor de cada um, em titulos de 5%, que eu lhes transferiria com a liberdade.

«Quería mais, queria tambem, na forma da lei, e era o que principalmente

desejava, um contracto de locação de serviços, com gratificação pecuniaria arbitrada perante o juizo de orphãos, que ao mesmo tempo obrigasse o libertado ao trabalho e me garantisse esse recurso, que eu não podia, sem grande prejuizo, dispensar repentinamente.

«Nesta questão é preciso encarar tanto o braço que fica fecundando a terra, como o que d'ella se aparta, enfatizado do trabalho, detestando-o e aborrecendo-o. O escravo, uma vez de posse de sua liberdade, deixa a terra a que viveu atrelado pela vadiagem. Isso é facto de observação, e eu procurava evital-o tanto quanto possível, no meu»

O Conselheiro Bernardo Gavião

Aproveitando o dia de São Paulo para assignalar a sua conversão ao regimen do trabalho, sem deshumana especulação, mantida á custa do furto da liberdade do homem transformado em machina, o exm. conselheiro Bernardo Gavião mimoseou hontem os escrevinhadores da Redempção, com tão descabellada descompostura, a ponto de esquecer-se, que quiz fazer-nos apenas um emprestimo do seu proprio estylo.

A escravidão tinha espargido tanto a influencia de sua aspreza no espirito de concentração senhoreal, com que o sr. conselheiro habituou se a encarar a sociedade, que nem nos todos os gloriosos passados do jornal, conseguiu a recordar-se do estylo que empregou para com Andrade Figueira e o Barão de Cotegipe, em seus bellos escriptos exatados no Partido Liberal.

Entre a satyra estimulante, tendente mais a abater a instituição, do que os homens, e a critica, amoldada ao terreno politico, a que o conselheiro Bernardo Gavião subordinou sempre a questão do elemento servil, querendo que por ella se interessasse toda a sociedade, não em beneficio do escravo, mas dos interesses do senhor, confundidos com a ordem publica, exc. escolheu o que em um jornal de propaganda podia servir-lhe para dar a escravidão por morta, agradecen-

do-lhe entretanto os obsequios que lhe prestou.

A conversão do conselheiro não foi portanto um acto simplesmente humanitario para com seus escravos.

Envolveu tambem uma satisfação dada á lavoura, cujos braços pretendeu garantir, prendendo o libertado ao solo por duas amarras: o peculio e o contracto.

O peculio seria porém a negação do contracto, desde que pudesse bastar para a remissão do serviço e portanto, o melhor regimen é exactamente esse, o da completa liberdade, permitindo, ao escravo, convencer-se de que ella limita-se pelo dever e o immigrante, que pertence á raça dos que foram seus senhores tambem trabalha para obter os meios de manter uma subsistencia honrada.

A grande verdade é esta: o conselheiro Bernardo Gavião já não tem mais escravos.

Não era porem necessario para explicar os intuitos com que pediu indemnisação de metade do valor de seus escravos e justificar, assim a originalidade desse pensamento humanitario, passar uma tremenda descompostura nos escrevinhadores que dia por dia e hora por hora trabalhavam aqui pelo interesse geral da sociedade emquanto s. exc. só se preocupava de...

O sr. conselheiro Bernardo Gavião deve lembrar-se que a celebre indemnisação dos 5 por cento foi o ponto mais vulneravel da lei, que obrigou o Senador Saraiva a reconhecer que o proprietario era suspeito para realizar a reforma, tendo sido forçado, por José Bonifacio a declarar que não pedia para si essa indemnisação.

Ninguém podia advinhar os intentos que tinha em vista o sr. Conselheiro.

A apparencia entretanto do seu acto irritava, porque revelava-se nelle a adopção dos principios de eschola conservadora, e emperrada.

Desculpamos-lhe pois o rancor que lhe transmittiu o contacto com a escravi-

dão, ponderando-lhe apenas que podia ainda fazer politica na sua conversão abolicionista sem se exasperar ao extremo, porque não são os seus doestos atirados aos abolicionistas, o que agrada ao corpo eleitoral.

O que elle terá de apreciar é o seu acto, que foi bom e deve inspirar-lhe novos habitos e novas aspirações.

FRANKLIN

Morte de um escravocrata

Temos dito mais de uma vez, que de todos os animais que povoam a superficie da terra, o mais indigno e asqueroso é por certo o escravocrata.

Todos os dias temos exemplos disso. Quando morrem, são especie de pedra atirada em poço, ouvindo-se apenas o barulho.

Ha bem pouco tempo, falleceu em Bragança um fazendeiro rico e poderoso que fez durante a sua vida não benefícios, mas persiguições a orphãos e viuvias.

Escravocrata de força esse patife, estabeleceu em sua fazenda novenas de vergalho e pôz como administrador della uma escoria de Portugal, um bandido sem nome.

Um dia, os miseros escravos desesperados pela miseria e castigos, abandonaram esse antro de vicios e foram a S. Antonio de Jacutinga pedir protecção a um homem que só disto tinha a...

Esse desgraçado, fazendo o papel de Judas escreveu ao senhor dos miseros escravos e este mandou o seu administrador e seu futuro genro, á testa de uma tropa de bandidos e assassinos, que foram a Minas dar caça aos escravos matando alguns.

O chefe dessa quadrilha, chamado pela providencia para ajustar contas dos roubos que tinha feito durante a vida, a pezar do dinheiro que possuia, o seu enterro foi peor, do que o de qualquer miseravel arceiro.

Mal tinha quem lhe carregasse o maldito corpo, para ser sepultado.

Meia duzia de musicos, tocavam um Zé-Perceira atraz desse desgraçado cadaver, coberto da maldição do povo.

Os corvos acompanhavam do alto o enterro, e quando o corpo foi collo-

mento algum, e desvanecendo-se ao mais ligeiro sopro? Não existirão por ventura nem Eva, nem cê, nem Christo, nem nada?

— O meu amado! tudo isso existe, esteja certo, eu lho asseguro! diz Thomaz, cahindo de juelhos. Acredite-o, meu querido amo, acredite-o!

— Que certeza podes tu ter disso?

— Sinto-a no intimo da minha alma, senhor! Quando me vendiram, e me separaram de minha mulher e de meus filhos, parecia-me que me arracavau o coração; mas o meu bom Salvador veio consolar-me, dizendo-me: «Não receies nada, Thomaz!» E' elle que me dá a tranquillidade, a resignação, e a paz que reina em meu peito. Acho-me tão feliz, amo a todos, e não receio cousa alguma, porque confio inteiramente em Deus. O mesmo lhe aconteceu, se quizesse, meu bom senhor!

As palavras de Thomaz eram cortadas pelas lagrimas, e p-la emoção. Saint-Clair apoiou a cabeça sobre seu hombro, e apertou essa negra mão, tão rude e tão fiel.

— Amas-me então, Thomaz?

— Daria gostoso a minha vida para que o senhor fosse Christo!

— Pobre insensato! diz Saint-Clair, en não sou digno do amor dum coração honrado e bom como o teu!

— Não diga isso, senhor! Não sou eu que o amo, são todos, porque o senhor é bom para todos. Deus ama-o tambem, estou certo, por causa da sua bondade!...

Saint-Clair pareceu tão enternecido, que não pôde responder.

(Continua.)

cado no cemiterio desceram para tomar conta do petisco que lhes pertencia

Eis aqui um quadro do que merecem os escravocratas quando morrem.

Ainda esse desgraçado ente deixou successores para flagelarem essa infeliz raça.

A viuva desse desgraçado, diverte-se nas horas vagas, esfolando duas ingenuas, uma de nome Sabina e outra Paulina.

Estamos informados que o corpo dessas duas infelizes creaturas, está todo coberto de chagas.

Essa desgraçada mulher, com as mãos, pucha os beijos dessas raparigas como meio de divertir os circumstantes.

Ainda em dias do mez passado, um filho dessa fera, de nome Juca, deu tanto de palmatoria na ingenua Sabina que quebrou-lhe um dedo.

Diverte-se esse individuo em cutucar com ponta de faca o corpo dessas ingenuas e tem grande satisfação quando do corpo dessas infelizes separa-se algum pedaço de carne!

Estes factos são conhecidos de todos, até das auctoridades e esses patifes passeiam impunemente e ainda apertam com suas nojentas mãos as mãos de pessoas de bem.

Queluz

Achamos por demais engraçado um recibo que passou o sr. Paulino Pereira da Costa, de Queluz, de ter recebido de uma infeliz preta velha de nome Joanna, a quantia de 511\$000 pela liberdade de seu filho de nome Francisco.

E' tão original esse recibo que damos a integra para conhecimento dos nossos leitores e do Zé-povinho de Queluz.

Lá vaie obra Zé-povinho:

«Recebi da sra. Joanna ex-escrava do meu finado Pae a quantia de quinhentos e onze mil reis por conta da de noventa e nove mil reis; quantia esta em que fica ajustada sem condição alguma a liberdade de seu filho e meu escravo de nome Francisco, que terá sua carta de liberdade no momento em que receber eu ou meus herdeiros a de trescentos e oitenta e nove mil reis ou qualquer quantia que reunida com as mensalidades que, digo, mensalidade de quinze mil reis que o dito seu filho de or em diante fica ganhando de seus serviços na ordem devida»

Fica entendido e ajustado que a sra. Joanna e seu filho não terão direito a quantia ora recebida e mais qualquer outra que entrem por conta desta liberdade por fallecimento do mesmo antes de completar a quantia de reis 389\$000 que fica restando, ou em dinheiro ou em serviço.

Outro sim, abbato a quantia de setenta e nove mil reis em favor da liberdade do mesmo desde que me fôr apresentada qualquer quantia que sommada com as mensalidades perfação a quantia de trescentos mil reis.

Queluz 18 de Novembro de 1886.

PAULINO PEREIRA DA COSTA. Testemunhas JAYME ANTONIO DA COSTA e JOSE MANOEL DE SOUZA ARANTES.»

Os santarrões de Taubaté

Si ha cidade do norte em que haja mais rigor religioso, onde as festividades sejam feitas com mais capricho, onde o povo se occupe exclusivamente em rezar, onde haja mais padres, mais igrejas, mais terceiros de S. Francisco, é por certo na cidade de Taubaté.

Alli ha pessoas que se occupam em estar com um ponteiroinho mettendo em um livrinho todo cheio de furinhos que correspondem a numeros em que está escripto um padre nosso com uma ave-maria para as almas daquelles que não obedecerem aos paes.

Mette-se o ponteiro no outro furinho, lá vaie outro numero em que se encontra um padre nosso e uma ave-maria por alma daquelles que comeram carne em dia de jejum.

São passatempos innocentes que obrigam entretanto aquelles beatos e beatas a estarem descarcando dia e noite rosarios e resando pelas almas que lá se foram.

Não era raro vêr-se fazendeiros importantes de habito de S. Francisco e cordão comprando pelas vendas e lojas o necessario para suas casas.

No entretanto estamos informados que depois que o conselheiro Moreira de Barros libertou todos os seus escravos e declarou-se abolicionista, grande numero de fazendeiros retirou-se para seus estabelecimentos agricolas, abandonando a religião e o habito.

As beatas acostumadas a rezar ave-marias e fazer padre nossos com o vergalho, também ficaram mal com Deus e com a igreja

O Mané de Deus, que chegou a ficar com o nariz molle de tanto rezar, seu mano Chico, antigo amansador de negros, terceiro de S. Francisco, o Nhô nhô de Mattos, o Joaquim Ortiz, o Zé Benedicto, commendador Cardoso, o Chico Mauricio, o dito Pichuá, Ferdinando Nogueira, o Joaquim de Camargo; todos estes santos varões que tanto ornavam a ordem terceira de S. Francisco e que sabiam a ladainha de cór, dependuraram seus habitos no girão com cordão e tudo, só porque Moreira de Barros, que tanto mal fez a causa da redempção dos escravos, declarou-se abolicionista.

Não ha dia em que Manequinho da Nação, não chore o estado de relaxação em que o abolicionismo deixou a sua ordem.

O frei Coxo sentido da ingratidão dos terceiros, perdeu já 37 kilos e meio da banha do seu cachaço.

Até o Luiz Borges, sogro do Rodolpho espião, que tocava campainha no convento de Santa Clara, metteu-se no sitio, para não mais vêr a cara dos abolicionistas.

O Rodolpho, sem ser espião, passando a perna em meio mundo, lá se foi para o sitio.

Taubaté está deserto!

Já S. Francisco não vale nada! Alli, o que alimentava aquelle povo, era o bacalháu do negro, o tronco, o vergalho, a palmatoria e o relho.

Para aquelles beatos e beatas, valem mais os escravos do que Deus.

Ainda ha tres dias apresentaram-se ao delegado de policia, cinco miseros escravos de Victoriano Moreira de Toledo.

O delegado mandou-os metter na cadeia e um filho do mesmo Victoriano, de nome Jordão, que apesar de ser sobrinho do Santissimo, pois que seu pae é irmão, tem instincto feoz, lá levou a pobre gente para ser castigada.

E seu pae, parando um pouco, n'um acto de contrição que rezava, no meio da rua gritou: meu filho Jordão é quem vaie me despiciar sós canalhas.

E depois de dizer estas eloquentes palavras, continuou a sua oração: *Meu senhor Jesus Christo, vós que sois digno de ser amado pelas vossas chagas, por favor vos pedo, piedosamente a minha salvação, amem.*

Aos abolicionistas

Tendo sido pronunciados pelo juiz municipal de Ouro Fino, os assassinos dos infelizes escravos de Antonio Manoel Gonçalves, conhecido por Antonio do Padre, de Bragança, pedimos a todos os abolicionistas que não deem agasalho nem guarida a esses criminosos e que se por ventura souberem o lugar em que se acham homisiados, communicuem a esta redacção, afim de entendermo-nos com as auctoridades competentes, para serem presos e punidos esses facinoras.

Consta-nos que um delles, de nome Carneiro, acha-se em Minas, nas cercanias de Bragança.

Breve vamos publicar os signaes desses individuos para que não escapem á acção da justiça.

A missão dos abolicionistas não é proteger assassinos nem ladrões, mas sim infelizes escravos

Campinas perdeu a proza

Pelas noticias que lemos nos jornaes, soubemos que o capitão Collatino, querendo experimentar a força do zé-povinho de Campinas, prendeu o portuquez José Antonio, mandou metter-lhe o reflexo e ainda introduziu-o na cadeia e o zé-povinho silencioso acompanhou aquillo tudo até a dita cadeia onde o capitão Collatino tinha mandado introduzir o dito portuquez Zé Antonio.

Conta também a historia que depois de feito tudo isto o povo foi se amontoando pouco a pouco, avançando, recuando, fazendo balancé e que Collatino não querendo dançar, mandou dar tiros de carabina para o ar e todos se borraram.

Eis ahi o que é ser creado em uma terra onde vê-se matar aos poucos um homem e ainda o povo se occupa em prender pretos fugidos.

Collatino tomou o pulso daquella gente e sabe que todos são collegas do mesmo officio.

Podia muito bem Collatino nesta capital fazer uma bravata, mas, havia de

ser de surpresa, porque acredite zé-povinho de Campinas que os caiphazes daqui são destorcidos e não se borram com tiros de carabina dados no peito, quanto mais para o ar.

Agora estamos vendo que podemos entrar triumphantes em Campinas, já não ha perigo de nos metterem no tronco como affirmavam os anonymos que dahi recebiamos.

Collatino amañou com cangalha aquella gente, agora está de lombinho.

E não é zé-povinho que estamos a sympathisar com o Collatino?

Campinas é um logar atrazado, embora os republicanos queiram fazer dali capital de sua ninhada.

Collatino prende Collatino solta, Collatino distribue forças, Collatino recolhe forças e no entretanto Collatino não é auctoridade é apenas um commandante de destacamento á disposição da auctoridade.

Tomem mecha zé-povinho de Campinas.

Quando em Campinas houver zé-povinho, Antonio Americo não terá em sua casa uma porção de homens em ferros e no tronco o Collatino pulará para os ares levando no fim do suan uma borrachada de pimenta.

Eleição senatorial

Na ultima eleição senatorial que deu-se nesta provincia, appareceram episodios tão interessantes, que não podemos deixar de referir aos nossos leitores, pois que prova a sinceridade politica que existe entre os taes

A União tinha recommendado tres nomes.

Affirmou o directorio da União, que todos elles eram dignos de receber os votos dos seus correligionarios.

No dia da eleição, a casa do Rodrigo tornou-se o centro onde recebiam-se todos os telegrammas.

De vez em quando, lá vinha um telegramma dando immensa votação ao conselheiro Duarte e esbodegando o Rodrigo.

Imaginar-se o incommodo que causava isso ao conselheiro Duarte, não está nas forças humanas nem na nossa humilde penna.

O conselheiro Duarte levantava-se, tomava uma pitada de rané e gritava: — Senhor Rodrigo, os nossos correligionarios, vejam como o Rodrigo foi podado neste logar!

Dahi um pouco, vinha outro telegramma e o resultado era o Antonio e o Rodrigo serem podados e o Duarte ser mais votado.

Não sabeis, ó leitor, ó Zé-povinho, o incommodo que soffria o conselheiro Duarte com esse facto tão imprevisito?

O homem accendia um charuto, passava pela sala e gritava: — Senhores, não era isto que eu esperava. Estes homens da roça desmancham todos os nossos calculos.

O Rodrigo que não é biscoito, e que se também pudesse passava a perna nos outros só dizia: — Eu, o que mais sinto e o que mais me affige, é vêr o interesse que o Duarte tem por mim e a afflicção que elle sente, quando sou podado.

Perguntamos agora ao Zé-povinho: o caso não é para rir-se?

Liberdade!

Ideia grandiosa e sublime, criada por Deus, para guiar o homem, através das medonhas trevas da ignorancia e do fanatismo; aurora que dissipa com o seu brilhante clarão, as pezadas nuvens, que por instantes tentam ofuscal-a.

Ella resurgirá de entre as vis paixões, e mesquinhas int-resses, e reinará no mundo, invencivel, magestosa, firme como a esperança que nos sorri, como a bonança apoz a tempestade, a fé após a descrença, e a oração após a desgraça.

Todo o homem animado por sentimentos generosos, jamais deixará de amar-te!

Tu és, ó Liberdade, a deusa da mocidade, o enthusiasmo dos opprimidos, a salvadora das nações; e finalmente, do teu nome consolador brotam espontaneos todos os sentimentos d'amor e gratidão dos povos.

As flores não perfumariam o ar com os seus suaves aromas, se a natureza lhes não concedesse a liberdade de brotarem nos campos.

As aves, não nos encantariam com os seus melodiosos trinadoes, se não tivessem igual direito.

A aguia não se arrojará aos ares,

atravessando o espaço, procurando mais luz, se também não fosse livre. Emfim todos e tudo, te proclama — rainha do universo! Eu te saúdo, ó Liberdade, ó eterna reparadora das miserias humanas.

Liberdade, — vocabulo santo, dimanado dos purissimos labios do Omnipotente Deus! pharol que, em noite de cerração, guia o afflicto navegante ao desejado porto! Liberdade! ah! quem te não ama e deseja, palavra consoladora?!

Mas, oh! o homem, o rei da criação; o homem, aquelle, que o Deus Eterno escolheu para, neste mundo, representar a sua imagem e semelhança; o homem aquelle, que absolutamente não pode, nem quer viver sem liberdade, o homem, finalmente, que, por ter o dom do entendimento, deveria ser o primeiro a levantar altares e render, sinceros preitos a esta peregrina deusa, é o primeiro a captivar e o primeiro a trazer subjudados muitos de seus semelhantes! Oh! quanto é degradante e constringedor ver-se uma pobre creatura, barbara e ignominiosamente açoitada, soffrendo muita vez como castigo, frio, fome e sede, por ter a ignominiosa infelicidade de ser escrava?!

Brazil, pobre Brazil, quando poderás erguer-te, altivo e, sobranceiro hombrar com os paizes teus irmãos, elevando unisono, as regiões do espaço — vivas a liberdade! — Sem ella é impossivel a civilização.

Pois creio que os escravocratas se convencerão de que é necessario e utilissimo que desapareça para sempre, do nosso caro Brazil, essa tão vergonhosa nodda, que se chama escravidão e commigo dirão: — Salve, mil vezes salve, oh! santa liberdade.

Capivary, Janeiro de 88.

JOÃO ALFREDO.

Concerto

Hoje deve realizar-se no salão do theatro S. José, um concerto dado pelo popular maestro Carlos de Mesquita, fundador e director dos concertos populares da Côte.

Em regra nesta capital, só vão a esses concertos musicas pessoas de certa ordem, porque é luxo entender-se de musica sem ao menos poder-se solphejar um assovio.

Nunca nosso jornal fez reclamaes de theatros ou concertos e nem mesmo de cavallinhos, mas como o sr. Carlos de Mesquita, na Côte, inventou uma forma de divertir o zé-povinho, entendemos chamar a attenção dessa nossa gente, pedindo que vá assistir a esse concerto que promete ser brilhante.

Liberdades para inglez vêr

Ha muito tempo que já neste jornal escrevemos que estas promessas de liberdades feitas por senhores de escravos, nada valiam.

Nós conhecemos os homens e tivemos muita occasião de ver, como adrogado, individuos terem o descoco e a pouca vergonha de virem ao nosso escriptorio consultar a forma de não pagar aquillo que deviam.

Aqui em S. Paulo, neste fóro, agita-se muita questão dessa ordem e como é uma cidade grande, encontram-se adrogados que patrocinam velhacadas dessa ordem.

As promessas de nada valem, nem feitas mesmo por irmãos e muitas vezes no proprio contracto escripto, encontram-se meios de illudir uma das partes contratantes.

Nós sabemos perfeitamente, conhecemos de perto o que são promessas, já fomos victima de uma dellas, que veio trazer como resultado a annullação de muitos annos de serviços e de sacrificios.

Se as promessas não valem nem de irmão para irmão, quanto mais do senhor para o escravo.

Esses fazendeiros que prometteram libertar os seus escravos não quizeram mais do que passar a perna nos abolicionistas.

Veio-nos estas considerações á mente por lermos na *Gazeta de Mogy mirim* a seguinte noticia que fica archivada:

LIBERTADOS CONDICIONAES. — PARA INGLEZ VER — Informa-nos o digno collector da Penha, sr. Henrique Brito, que o sr. Dr. Antonio Francisco de Araujo Cintra e outros fazendeiros daquelle municipio, que haviam dado liberdade condicional a seus escravizados, conforme esta folha é quasi toda a imprensa da provincia noticiou, dirigiram-lhe agora officios declarando que não haviam concedido taes liberdades.

Synodo Diocesano

No nosso ultimo artigo ha um periodo em que alludimos ao tratamento que o Thabor tem inspirado aos que lhe tem respondido.

Quando empregamos as expressões «os que prezão asi proprios não lhe respondem etc.»...referimo nos as circumstancias peculiares, pela doutrina e os principios que profissão os empenhados nesta polemica.

Não houve alluzão menos desrespeitosa a nenhum dos escriptores que tem respondido ao orgão da diocese.

O synodo diocesano, terminou seus trabalhos e o principio de auctoridade ecclesiastica que estava visivelmente enfraquecido sahi robustecido tendo cessado o periodo das affrontas que tornavam um martyrio aos olhos do publico o exercicio do governo diocesano.

Só desejamos ter occasiões de poder felicitar o clero, e defendel-o das accusões de ser ás vezes em suas exageradas pretensões um elemento perturbador da ordem publica.

CHRONICA DA ASSEMBLÉA

Hoje, dia de S. Idefonso, anniversario da morte do marquez de Sapucahy, em que o sol nasceu ás 5 horas e 35 minutos, dia em que no convento de S. Bento ha cozido com linguigas, repollo, couve-flor, para regalo do abbade e do Cerqueira Mendes, ás 11 horas da manhã estava já o Antonio sentado na poltrona e não apparecia nenhum deputado a não ser o Mané Alves.

Batia o sino da Sé, um quarto depois das onze e as trombetas de cavallaria tocavam o primeiro signal para rancho, quando já o Jesuino Paschoal tomando conta de um poleiro, dava risada de contente das discussões que tinham de haver.

Atraz do Jesuino tomou assento o deputado de força, Manoel Capoeira, e embaixo appareceu o caraca do Gaia, antiga influencia de S. Sebastião outrora mendista e hoje prdista.

O Antonio cansado de esperar, mandou proceder á chamada e estava o Parada nessa disparada, quando entrou para o gallineiro um sujeito implicant de pastinhas e bigodes com as competentes costelletas, chamado Sebastião de Aguiar, antigo responsavel do Raio.

A ausencia do medalhão De Ino Cintra e de outro não menos medalhão Duarte de Azevedo, de sorte que lastimamos a ausencia desses dois sabios, directores dos serviços da Assembléa.

En compensação, no gallineiro appareceram o João Alleluia, de S. Bernardo, o Teixeira do hotel, o Antonio Alberto que apesar de pertencer á familia Prado, andava com arreganhos de mendista, o Luizinho das creoulas, homem rico que vive só para si.

Notamos que o Prudente, um dos quatro evangelistas da assembléa, tem um aspecto de Caronte da fabula, cujo retrato o Manual Encyclopedico, traz pintado no fim da obra.

O segundo secretario, aquelle moço que tem natiz romano, grego ou troyano, á escolha dos leitores, leu a acta que foi approvada sem reclamação alguma.

Estava o Parada a lêr o expediente, quando Antonio Gomes de Araujo, deputado supplementar de força e que não dá ponto, entrou para o gallineiro seguido de todo o seu estado maior, cujos nomes os leitores podem ver no calendario romano.

Perto delle senta um medium e nós, olhando para a esquerda, vimos alli, com desgosto nosso, o antigo responsavel do Raio, de pastinhas, bigode e competentes costelletas, o que demos o cavaco.

Estavamos pensando na forma de vermos livres deste intrujão, quando olhando para baixo, vimos a pallida estatua de um padre narigudo que põe-se atraz do Zé Vicente e segundo nos parece, é algum pretendente a alguma subvenção, porque estes padres não dão ponto sem nó.

Pede a palavra o Queiroz para pedir informaçoes sobre a prisão de João José Lopes, gatuno conhecido, que por ordem da auctoridade competente ou descompeite, acha-se preso sem culpa formada, porque é costume hoje da policia prender sem culpa formada para averiguações policiaes.

O Pedro Considerações, que estava alli perto, disse: ora, o sr. Ferreira Lima, chefe de policia sabugo, quando queria prender qualquer cidadão, mandava dois urbanos julgar falso e arranjava um termo de bem viver, com quebra por atacado e a varejo e lá se ia o pobre diabo para a correição passar trez mezes vida triste.

Apreciamos muito as considerações feitas pelo Pedro das ditas, porque realmente é um jurisconsulto de força.

Um typo que estava pert, que não conhecemos disse: que se Jordão tinha um companheiro e este também fora preso, não sabia porque um estava no quar-

tel para assentar praça, quando não existe o recrutamento, e o outro fôra para a cadeia.

Um terceiro typo de neutralidade portugueza, disse: não, que o outro que lá está no quartel, embora seja gatuão, é filho de notabilidade conservadora e filhos desses homens grandes não commettem crime.

Nós como não entendemos dessas cousas e estamos arredados da politica, olhamos para a direita e vimos alli, com desgosto nosso, o antigo responsável do Rato, de pastinhas, bigode e competentes costeletas, o que demos cavaco...

Continuou o Augusto de Queiroz a fallar, requerendo, aliás, uma cousa justa e notamos que o Lobatinho do chinellinho doirado, tinha faltado e que no gallinheiro também sem participação, faltaram os deputados de força, Delduque e Mizoca.

Pede a palavra o João Moraes, unicamente para adiar a discussão de um requerimento justo, e dar tempo da policia preparar a cousa.

Pelos arrebatamentos feitos pelo Lopes e pelo sympathico Zé Luiz, que segun do affirmo o futuro, tirado das doutrinas de Allan-Kardec, n'outra vida foi mulher, o Jordão Lopes não está em bons lençãos, mas no porque ora votava liberal, ora conservador.

Mas, se não nos engana, diz o Pedro Considerações, ha tempos li n'um jornal um artigo do Lopes que começava assim: Liberal de todos os tempos, este Pedro é uma flauta mal-lita, que não escapa cousa alguma.

Estavamos fazendo estas considerações, quando vimos entrar no gallinheiro o João Ribeiro e o capitão Ozorio, um mendista e outro liberal intransigente, para quem não ha intelligencia senão na familia Queiroz, não ha sabios senão os liberaes, enfim, é liberal da antiga tempera e no entanto an-la esquecido como tantos outros pelos seus correccionarios.

Entrou também o Braga do cabelo louro, antigo proprietario do chalet Santo Antonio, onde o Quito Elias, costumava comprar vigesimos de noite...

Principiou-se a votação de diversas posturas municipaes e de repente todos os deputados empallideceram, o Antonio deixou cair o pinco-nez, nas galerias fizeram susurro os frangões e quando fomos ver o que era, nada mais, nada menos era do que o Zé Vicente que tinha pedido a palavra.

Felizmente o seu discurso foi curto, porque apenas consistiu nisto: requieiro dispensa de intersticio.

Tomando um flego de gato e olhando para a nossa retaguarda, vimos alli, com desgosto nosso, o antigo responsável do Rato, de pastinhas, bigode e competentes costeletas, o que demos o cavaco...

Diversos deputados requereram dispensa de intersticio e entre elles, contamos o Rubião, Teophilo Braga, Prudente de Moraes e outros, que vem no novo methodo.

A sessão esteve sem importancia e os discursos quasi sem latim.

Tambem nas galerias faltaram diversos deputados de força como o commendador B. A. B. A. e o seu urso, o Faustino, X que veio no fim e o Felipe Inglez que anda pelo Braz a tomar ares.

Esqueceu-nos escrever que o Novaes esteve presente, e que embaixo do reposteiro da porta de onde na sessão passada sahiram tantos padres, estava o João Arouche, amigo intimo do Freitas da relação que é escravocrata ou abolicionista, conforme corre o marfim.

Enfadados por não haver cousa que nos divertisse e nem ao Zé-povinho, levantamo-nos e olhando para a nossa frente, vimos alli, com desgosto nosso o antigo responsável do Rato, de pastinhas, bigode e competentes costeletas, o que demos o cavaco...

S. Paulo, 24 de Agosto de 1883.

Ignacio Trahira.

COMUNICACIÃO

Santos

Sr. redactor

O delegado de policia de Iguape, não deu mais cópia de si, depois da brilhatura de mandar pegar na praia da Juréa, os escravizados que vinham em busca deste torrão livre, recolhendo-se aos bastidores, ou ao canto de algum fumeiro

O liberto Americo que tambem foi victima da sanha do delegado e do fanchado soldado Damião e sequazes, como já noticiamos na outra correspondencia, depois de soffrer a injustiça de uma prisão de alguns dias, foi solto pelo tal delegado imbecil.

Sirva de exemplo a essa auctoridade escravocrata a immoralidade do acto que praticou, que pôde para uma outra vez acarretar-lhe algum desgosto e consequencias imprevistas.

Quanto mais não seja, um seringatorio está aberto em conta corrente d'aqueella enormidade municipal.

Grande numero de colonos pretos tem seguido para o interior, já contractados para o serviço livre da lavoura.

E se mais não tem ido segundo informações que temos é devido as suggestões de alguns, que os pretendem desviar dessa sabida e paternal resolução, quando deviam secundar os abolicionistas, que depois de terem coadjuvado essa raça infeliz libertando-a pela fuga, hoje que a liberdade na provincia é uma realidade, trabalham em dar-lhes collocação, entregando esses braços livres á lavoura que já os tinha aproveitado como escravos.

E esse grande movimento que hoje os abolicionistas operam, devido a sabida iniciativa do seu glorioso chefe da capital, fazendo voltar para a lavoura aquellos braços auzentes, vai dar um possante impulso á nossa bella provincia, que engrandecerá soberanamente, não como nos dias idos de luto e dores, em que o vergalho retalhava as carnes enquanto as lagrimas dos infelizes regavam o sólo, mas sob uma nova era, um regimen normal, entre as alegrias do trabalho livre.

Temos sob as vistas a carta de um fazendeiro de Bella Vista, dirigida a um nosso amigo que se confessa satisfeittissimo com 20 colonos pretos que daqui levou e estes por seu lado tambem contentes. Este fazendeiro no dia em que chegou a fazenda com seus novos colonos, libertou incondicionalmente os ultimos escravos que possuia, que não quizeram retirar-se, continuando a trabalhar com os recém-chegados, gozando das mesmas regalias que estes.

Seria pois de summa importancia e grande conveniencia, que aqui se facilitasse a remessa desses infelizes que vão hoje para o trabalho, como homens livres que são ganhando salario sufficiente para as necessidades da vida.

Não enxergamos de onde possa nascer o escrupulo de impedir-se a partida desses homens, quando vão daqui contractados, com salarios feitos por pessoas que aqui vem procural-os e para esse fim recommendadas por v. s. unico competente para conhecê-las, visto como, devido ao grande movimento abolicionista que operou na provincia, conhece todos os fazendeiros e seus escravos como atrazados.

Da sociedade libertadora Vinte sete de Fevereiro, nem mais se falla.

E nem ella podia ou devia desaparecer quando na alfandega deste torrão livre, ainda ha escravos matriculados!

O titular barão de S. Domingos, juiz de direito desta comarca, tem escravos matriculados na alfandega.

E no entanto é este o homem popular, philanthropico e justo de quem o Diário de Santos não passa dia em que não dê um boletim do estado de saúde e da exma. familia, tornando a cousa já uma chapa tão sedicã que enoja.

Em outra correspondencia que lhe enviarei breve, fallarei sobre esses escravos matriculados e sobre a questão da camara municipal em que o importante capitãozinho Alfainha desempenhará um papel conspicio em razão de ser entidade aqui muito considerada e chefe do partido conservador, arvorado pelo grande conselheiro Duarte, medalhão de força.

JOÃO ARARA.

Tieté

Sr. Redactor.

E' a primeira vez, que vou occupar as columnas de seu illustrado como humanitario jornal, e não posso passar desapercibido do publico factos que muito contristam os benemeritos Tietenses, salvo algumas excepções.

Prosigamos: esta cidade pôte orgulhar-se de ser quasi uma das primeiras que libertaram se e por isso seus habitantes com razão não devem consentir que atravessem pelas ruas desta cidade escravizados amarrados quer deste ou de outro municipio para o que fazemos grêve.

No entanto andou pelas ruas ha uns dias a esta parte um capitão do matto, que acode pelo nome de Joaquim Pontes, cujo typão trazia na garupa cordas para amarrar cinco miseros escravizados que fugiram do magnifico bacalhau com que esse verdugo senhor obsequieia constantemente a esses miseros dentre os quaes fugiram dous de mais de 60 annos!

E' de notar-se que esse capitão do matto, tem por uso andar armado de garrucha de dous cannos e um respei-

tavel facão contra disposições do Cod. criminal. Como nós conhecemos o typão que faz parte do cavalleiro da triste figura não damos menor importancia, mas deixamos no entanto de recomendar esse heróe ao sr. Hermes E. Alves Lima, que tem sabido cumprir com seus deveres de delegado de policia desta cidade, recomendamos ainda um camarada de Pontes, que acompanhava-o na captura dos referidos escravizados esse caboclo sem vergonha ver adeiro vagabundo, caloteiro que tambem dá pelo nome de José Lino; esses capitães do matto em vez de vagarem seria mais prudente mettel-os no palacete do General Ozorio, pois lá devteriam-se ouvindo o cantarolar de seis praças de policia e de quando em quando solviam uma pitada de rapé e a instructiva prosa do tio Manoel, que ainda falla de defuntos escravizados que outr'ora possuio.

Promettemos que se continuar a reprodusir factos desta ordem não daremos tregoa a esses capitães do matto que por dignidade propria deverião abandonar esse meio selvagem e brutal de pegar escravos porque esta cidade é livre, honra seja feita aos cavalleiros que libertarão seus escravizados e de nossa parte declaramos á esses que ainda não libertarão seus escravizados o nosso eterno desprezo.

Tieté, 22 de Janeiro de 1888

EPAMINONDAS.

Jacarehy

Sr. redactor

A capina de nossa roça, apesar do mau tempo, está por pouco, graças á robustez dos nossos operarios!

Com trabalhadores tão pacificos, tão ordeiros, tão generosos, tão obedientes, tão trabalhadores, não ha matto que cresça nem roça que não prospere.

Na quadra do calor, encontramos algumas cobias venenosas—jararacas e urutús—que nos atrazaram de algum modo os serviços, atraçando muitos companheiros. A energia do feitor, porém, de acudir aos feridos e á efficacia do papo de perú e do alho, deve-se não ter morrido ninguem até o presente.

Quando algum dos accidentes acima apontados se dá, apanha-se o doente de noite ou madrugada, mata-se uma rez, vinha café com pinga e ás vezes gengibre que é um dos melhores aphrodisiacos. Em compensação, no dia seguinte trabalhava-se com mais ardor e o eito que gastava tres horas, por exemplo nestas condições não levava uma hora.

E' certo que damos carne todos os dias aos damnados hottentotes, dous sortuns por anno, cobertor de lã e o domingo para si. Acabei com o bacalháu, com o vira-mundo, com o ferro de gancho, com os variados troncos e de todas essas immundicies que nossos peludos antecessores inventaram. A gente anda alegre, bem disposta e gordinha que nem leitões.

Vou continuar a remetter café, rogando-lhe o favor de ordenar ao correspondente que mande vinho do Porto e pão de lot, que segundo tenho observado, são as materias mais agradaveis a estes estomagos insaciaveis.

O presente (em todo o caso é digno de elogios) do exm. sr. ministro e patricio, veio um pouco tarde, porque quasi toda a gente tinha ido passear. São muito poucos aquelles que saborearam o delicado manjar.

Os outros que tiveram de engulir (pois era forçoso dar-lhe as honras de enterro em terra sa rada), tem sentido uns arrotos de má digestão, que por ligeros de mais, não pedem a intervenção da respectiva sciencia medica.

Os nossos honrados e sympathicos visinhos acham-se combinados para adoptarem nosso systema de lavoura. Como a união faz a força e a unidade de vistas santifica todos os empreendimentos, e colheita das proximas fructas promettem abarrotar os mercados.

CLUBE ABOLICIONISTA.

Parahybuna

O INFELIZ ROQUE

Roque escravizado da fazenda do Banco Predial, neste municipio, em um dos dias do mez de Outubro, appareceu em casa de um cidadão desta cidade, ás 11 horas da noite, pedindo que pelo amor de Deus, fossem valer uma sua parceira de nome Antonia, que soffria ha mais de 15 dias, castigos im-

moderados, que o administrador Manoel Idalio Cordeiro a castigava com palmatoria nos pés e nas mãos e que essa pobre infeliz com certeza succumbiria.

Infelizmente chegou aos ouvidos do tal sr. Idalio, que Roque lhe havia denunciado; e com aquelle horror que o caracteriza—trancou em um quarto o desgraçado Roque e principiou uma novena de palmatorias nas mãos e nos pés; já quasi sem força pôde Roque evadir-se e uma mão caridosa nos sertões desta cidade lhe foi estendida dando-lhe agasalho e tratando de curar o mal produzido pela palmatoria, quando o pobre Roque foi accommettido de uma pneumonia que ainda essa mesma mão pôde livral-o da morte.

Em estado de poder seguir para Santos—lugar para onde Roque se dirigia enviado daqui por alguém, foi o infeliz Roque mordido por um grande jaracussú e desse mal succumbiu em fins de Dezembro do anno findo.

Perguntamos: o causador de tanta desgraça não será o rigoroso administrador da fazenda da Laranjeira de propriedade do Banco Predial?

Apparecida de Botucatu

Caro redactor:

Não pude resistir a vontade de communicar-lhe o seguinte facto.

No dia 15 do corrente, por iniciativa do cidadão Delfino Moreira, reuniram-se os poucos possuidores de escravos desta freguezia e derão aos mesmos escravos liberdade plena. Existe ainda alguns escravos no districto e trabalhase activamente para purificar-se o districto desta mancha.

O numero de liberdades concedidas foram 5, sendo uma concedida por Delfino Moreira; uma por Silvestre Fernandes de Camargo; uma por Laurindo Vieira da Silva e duas por Lucio Vieira Cardoso.

O sr. Manoel Vaz de Assis, residente no districto de S. Manoel, libertou a 31 do passado os 3 unicos escravizados que possuia, sem onus algum. Outra cousa não se podia esperar de um cidadão honesto que sempre tratou seus escravizados como filhos.

Officioso.

SECÇÃO ESPECIAL

Chronica de annos

Faz annos em Rezende, Frederico de P. Ramos, pos ter ajudado a perseguir uma pobre escravizada do seu cunhado João Ferreira.

Faz annos na mesma cidade de Rezende, João Mellado, vulgo João Ferreira, por ser barbaro para uma misera escrava que fugiu por causa do Frederico.

Faz annos no mesmo lugar, o Juca da Silveira, conhecido por Juca Meluria, por causa da falla macia que tem, não só porque é tyranno para seus escravos, como tambem por prestar-se a surtir os escravos dos visinhos.

Faz annos o Lourenço de Freitas, vulgo dout' r Freitas, porque persegue um velho escrívão para dar serviço a um commendador Souza Bilontra que tambem faz annos, bem como o Rocha Lã que tambem faz annos por proteger o commendador Bilontra, fazendo os tres por atacado e a varejo, até segunda ordem.

Faz annos o Bernardo Padeiro, vulgo Bernardo Rodrigues, na mesma cidade de Rezende, por ser o typo mais atrazado e não querer que a escravidão se acabe para não morrer de fome.

Faz annos o coronel Inglez, branco como um jaspé J. B. Brazil, por ter sido advogado do José Leite de Figueiredo que tambem faz annos a perseguir o escravizado Sebastião, que trata de sua liberdade.

Faz annos mais, por atacado e á varejo, Ernesto Bartholomen da Barros, Augusto Amorrin, Chico das Botas, de terem ficado zingados por terem feito annos.

Faz annos Henrique Gomes da Fonseca, proprietario do Bimburribá, em quanto tiver como escravo um velho de nome Venancio.

Faz annos o dr. José da Cunha Ferreira, enquanto tiver como seu capanga o fojão do Jambeiro.

Faz annos no hospital de Santa Casa, de Rezende, o medico adjunto se continuar a abandonar os doentes como fez com o Gregorio guarda-freio e occupar-se em pegar pretos fugidos.

Faz-in annos por atacado e á varejo, na cidade de Rezende, por protegerem fanchados escravocratas, com prejuizo do direito dos miseros escravos, as auctoridades daquelle lugar.

Em Barra-Mansa, fazem annos por atacado e á varejo, todos os escravocratas.

Em Queluz faz annos, Paulino Pereira

da Costa, ficando esperado o recibo para fazer annos.

No Amparo faz annos o Zé Batata, por ter tido recabida de parto:

Ficaram additados os mais, cujas listas temos em nosso poder, para fazerem annos domingo, visto termos de publicar a chronica em verso que nos remetteram de Brotas:

Vai a lista dos Brotenses
Fazendeiros atrazados
Que fazem annos tambem
Em versos de pés quebrados.

O grão Jilão de Albuquerque
Querendo fazer conquista
De dous videntes capangas
Pra surrar abolicionista.

Deve ser este o primeiro
Que passa por ser um bravo
E ter-se arvorado herdeiro
Do seu fallecido escravo.

Contra disposição expressa
Da viação de Setembro
Lambeu a quantia herdada.
Quanto foi, eu não me lembro.

Parece-me que uns objectos
E dous formosos corceis
E, em moeda corrente
Uns duzentos mil réis.

Joaquim Dias de Almeida
Fogoso republicano
Por ser na igreja, um carola,
E para os negros deshumano.

Theodoro Marques Guimarães
Do acima concunhado
P. B. que fez a Florisa
Inge-lua, sem ser processado.

Em tal tal phônhô Ribeiro
De bojudá cara feia;
Com seus capitães do matto,
A tirar negros da cadeia.

O capitão Siqueira Lima
Mais azedo que um limão;
Escravo-crata e inimigo
Do jornal—A Redempção.

Em casa do Cesarino
Disentir, a que portento!
Que se deve apunhalhar
O doutor Antonio Bento.

Vae nesta lista incluído,
Um negociante tambem
Que deve aqui fazer annos,
Por que vergonha não tem.

O Mano Henrique Vianna
Faz annos de negros
E ser... seus parceiros.

Um Fructuoso de Almeida
Atraz de negros, aos betros
Maltratando um seu escravo
Constantemente nos ferros.

E por causa do escravo
Que diz; morreu de gangrena
Cujó cadaver horrendo
Só de vêr causava pena.

Nos dous Corregos tambem,
Um Evang. lista Amaral;
Por ficar muito zingado,
Pelo facto do Natal.

Por ser muito escravocrata
E fallar d'A Redempção.
— O tatú de quatro rabos
Não fez boa digestão?

O Serafim, vilho chefe
Por não libertar a negra
E andar c'um pé no b'atim,
Fazendo figura engraçada.

O Ribas—o professor
Por pegar negro do Balduino,
E e-pancar em uma rua,
Um innocente menino.

O Quim Pereira Toledo
Cabeça d'anima! suino;
Por ter ido á villa de Brotas
Pegar negros do Quirino.

O Pamppeiro.

E por conta cá da casa
Entre rabos de tatú
Em Brotas faz annos sempre
O beberão dr. Perú.

E' uma besta damnada
Da humanidade latéa,
O caboclo sem vergonha
O tal Tonicó Lizéa.

ANNUNCIOS

Ao publico

Antonio Rodrigues dos Santos Silva, muito conhecido se encarrega de cobranças nesta capital e quem precisar dos seus serviços poderá dirigir-se ao Largo da Sé n. 15.

A La Belle Jardinière

25U000

Um costume de panno preto, forrado de merinó da China, fazenda superior, fitado de seda, obra de apurado gosto.

6\$000!!

Um costume de brim de côr, francez, diversos feitios e gancia, para creanças de 3 a 9 annos.



13U000

Um costume de casimira de côr, á escolha do freguez, fazenda moderna, «tout á fait chic».

3\$500!!

Um paletot de brim de côr, francez, diversos feitios, obra de apurado gosto e elegancia.

A LA BELLE JARDINIÈRE

30--RUA DE SÃO BENTO--30

TELEPHONE, 65--EM FRENTE AO GRANDE HOTEL

A. LINO & COMP.

SAPATARIA DO POVO

48--RUA JOÃO ALFREDO--48

O abaixo assignado chama a attenção de seus amigos e freguezes para visitarem e apreciarem o bom e elegante sortimento que actualmente recebeu esta casa.

Calçados de todas as qualidades em sapatos para homens e senhoras.

Sapatos á Carlos IX, bronzeados e pretos.	Sapatos de verniz, xadrez.
Sapatos á Carlos Andréa, bronzeados e pretos.	» de verniz.
Sapatos polacos, de pellica.	» de cano de casimira.
» de verniz.	» de bezerro.
» R. Caion.	Botinas a pontos.
» de pellica, com botões.	» de bezerro.
	» de cordovão.
	» de verniz.

Botinas para creanças de todas as qualidades

PREÇOS SEM RIVAL

Faz-se tambem toda obra por medida, a gosto do freguez.

Rua João Alfredo, antiga Municipal, n. 13, junto a loja Allemã

CESARIO F. LOPES

IMPERIAL LOJA DO ROCHA

20-Rua da Imperatriz-20

Este importante estabelecimento, recebeu um variadissimo sortimento de calçados finos para homens, senhoras e crianças. Continúa a ser o unico depositario dos calçados **Clark & Comp.**; tem a melhor fabrica de calçados desta capital.

Imperial Loja do Rocha

20-Rua da Imperatriz-20

Obras Dramaticas

AMOR-CACETE - comedia em 3 actos.
NOIVA DE 60 ANNOS - comedia em 3 actos.
CRIME DE UMA MULHER - drama em 5 actos e 1 prologo.
A POBRESINHA - comedia em 1 acto.
AS DISTRAÇÕES DE UM MARI-DO - comedia em 1 acto.
A' venda na rua de S. Bento n. 59, Livraria Escolar.

V. M. SILVA AYROSA
ADVOGADO

Tem o seu escriptorio á rua de S. Bento n. 42, onde é encontrado das 11 ás 3 horas da tarde.

Armazem Paulista

Chegarão as magnificas castanhas de carrezedo que se vende por atacado e a varejo; assim como tem castanhas assadas com o competente vinho verde a toda e qualquer hora.

No Armazem Paulista

TRAVESSA DA QUITANDA, 6

Drogaria Central

É o primeiro estabelecimento de drogas da provincia.

Fornece aos srs. pharmaceuticos: drogas, utensilios, vasilhames e tudo quanto é preciso para uma boa pharmacia, em condições tão boas ou MELHORES que na Côrte.

Tem sempre grande deposito de iodeto de potassio, bromureto de potassio, sulphato de quinina etc..

Rua de S. Bento, 44

Martins, Labre & Comp.

HORRIVEL! HORRIVEL!

O VICIO DA EMBRIAGUEZ

O remedio especifico do dr. Poekings

MEDICO DA RUSSIA

Cura radicalmente o terrivel vicio da embriaguez por mais antigo que seja, isto, porque depois do viciado ter tomado o ESPECIFICO, toma tal aborrecimento ás bebidas que é bastante o cheiro de quaesquer dellas para revoltar-lhe o estomago e causar-lhe nauzeas.

Envolve os frascos attestados dos mais notaveis medicos da Europa e America, como tambem o modo de uzar o ESPECIFICO vem explicado em as linguas: franceza, italiana, alleman e portugueza.

Cada frasco 4\$000

DEPOSITO NA PHARMACIA DA FÉ

RUA DA VICTORIA, N. 126

TELEPHONE, N. 284

S. PAULO

AO ESPELHO DA VERDADE

52--Rua de S. Bento--52

S. PAULO

URIOSTE, PEREIRA & COMP.

Importação directa dos melhores fabricantes

Primeiro estabelecimento da provincia neste ramo de negocio

Grande deposito de papeis pintados nacionaes e estrangeiros, vidros de todas as qualidades, espelhos, gravuras, molduras, quadros, tapetes e olcados. Arompta-se qualquer encommenda com esmero e promptidão.

PREÇOS MODICOS